



PERMITA QUE EU FALE: TRAJETÓRIA, DESAFIOS E REFLEXÕES DE UMA EDUCADORA TRAVESTI

*TITLE ALLOW ME TO SPEAK: TRAJECTORY, CHALLENGES AND
REFLECTIONS OF A TRANSVESTITE EDUCATOR*

Eugênio Edberson Trindade Júnior **1**


Maria do Perpétuo Socorro Gomes de Souza Avelino de França **2**

Resumo: *O objetivo dessa pesquisa é compreender a educação a partir das vivências de uma professora travesti do interior do Estado do Rio Grande do Norte – RN. Nesse entremeio, busca-se contar a sua trajetória como educadora e seu processo de formação; os desafios vivenciados no processo de encontro com a o seu eu e com a professora, além de abrir espaço para as suas reflexões sobre a educação, o ensino e o papel da escola na sociedade.*

Palavras-chave: *Educação. Travesti. História Vista de Baixo.*

Abstract: *The objective of this research is to understand education from the experiences of a transvestite teacher from the countryside of the state of Rio Grande do Norte – RN. In the meantime, we seek to tell her trajectory as an educator and her training process; the challenges experienced in the process of meeting her self and the teacher, in addition to opening space for her reflections on education, teaching and the role of the school in Society.*

Keywords: *Education. Travesty. History Seen From Below.*

-
- 1** Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor de educação básica na Prefeitura de Santos. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5765738017187326>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9874-1178>. E-mail: leandrogaspar@usp.br
 - 2** Mestrando em Educação pela Universidade do Estado do Pará; Especialista no ensino de Geografia pela Universidade Federal do Pará; Graduado em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1287400639440590>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9022-2018>. E-mail: eugenio.t@hotmail.com
 - 3** Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas; Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas; Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7005058905002975>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6974-2606>. E-mail: socorroavelino@hotmail.com
- 

Considerações iniciais

O título desse trabalho foi escolhido por causa da música “*Bechior – sujeito de sorte*”, do álbum AmarElo (2019), interpretada por Emicida, Majur e Pablo Vittar. Especialmente a parte cantada pela cantora e Drag queen Pablo Vittar. “Permita que eu fale, e não as minhas cicatrizes. Elas são coadjuvantes, não, melhor, figurantes que nem deviam tá aqui [...] tanta dor rouba nossa voz, sabe o que resta de nós? Alvos passeando por aí”.

Nesse contexto, o objetivo desse trabalho é ouvir e contar as histórias, reflexões e os desafios enfrentados pela educadora Bia Crispim de Almeida, professora da educação básica no município de Parelhas, interior do Estado do Rio Grande do Norte.

É importante dizer que nesse artigo trataremos discussões acerca de gênero e sexualidade, mas não se busca aqui esgotar o tema. A intenção é fazer com que o leitor entenda os conceitos fundamentais. Quem são as pessoas travestis e transexuais; quais papéis elas têm ocupado na nossa sociedade e como se desdobra as suas vivências no Brasil.

Outro ponto que precisa ser mencionado é o de que a escolha da professora dessa pesquisa não se dá de forma aleatória. Eu, o autor desse trabalho, fui aluno da Prof.^a Bia Crispim enquanto estava no ensino médio e no cursinho pré-vestibular. Assim, existi uma relação de admiração por ela, que sempre foi uma excelente profissional.

O que trazemos como problema dessa pesquisa é que não existe muitos trabalhos que ouçam esses sujeitos que na maioria das vezes são invisibilizados socialmente. Além disso, não temos muitas pessoas travestis que ocupem esse papel na educação, isso faz com que esse trabalho seja extremamente necessário, para que se possa ter uma nova perspectiva sobre a educação, que está relacionada a uma minoria social.

Para compreender esta narrativa e sua importância é preciso entender o universo das pessoas transexuais e travestis e os espaços que elas ocupam na sociedade.

Transexuais e travestis, historicamente, podem ser identificadas no mundo inteiro. Fanny (Frederick Parl) e Stella (Ernest Boulton), por exemplo, foram duas travestis que combateram leis anti-gay vitoriana no século XIX. Lili Elbe, também conhecida como “A garota dinamarquesa”, foi a primeira mulher transexual a se submeter a cirurgia de redesignação sexual em 1931. No Brasil essa palta foi trazida, ainda que de forma tímida, por Roberta Close, Brasileira, pioneira nessa discursões na TV aberta, reivindicou o direito de poder se apresentar e ser mulher.

Bento (2011) sugere que a transexualidade é uma experiência identitária, caracterizada pelos conflitos com as normas de gênero, uma vez que tem por base o dimorfismo, a heterossexualidade e as idealizações. Para Jesus (2012) “A transexualidade é uma questão de identidade. Não é uma doença mental, não é uma perversão sexual, nem é uma doença debilitante ou contagiosa. Não tem nada a ver com orientação sexual, como geralmente se pensa, não é uma escolha nem é um capricho”.

É fundamental especificar também que transexuais e travestis, apesar de muitos acharem que compõem um mesmo grupo, são identidades distintas. De acordo com Jesus (2012), “travestis são as pessoas que vivenciam papéis de gênero feminino, mas não se reconhecem como homem ou como mulher, mas como membros de um terceiro gênero ou de um não-gênero”.

A diversidade de gênero não é uma questão do nosso século, mas os estudos e pesquisa sobre as pessoas transexuais e travestis no Brasil são. Os trabalhos científicos de natureza biológica e social, assim como dados quantitativos dessas populações são ínfimos, por diversos motivos como a ausência de investigação desses grupos nos censos demográficos organizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); a ausência delas nas universidades, escolas e no mercado de trabalho. Essa ausência se deve principalmente à forma binária como a sociedade se construiu, a exclusão e marginalização social que nega espaço a diversidades sexual e de gênero (NOGUEIRA, AQUINO e CABRAL, 2017).

Por isso, é importante contar a história de uma travesti professora, para dar visibilidade e empoderara pessoas desse mesmo grupo, a ocupar os espaços, reivindicar políticas públicas que auxiliem no seu desenvolvimento e ascensão social, mas isso só será possível se tiverem a oportunidades de ser quem são e de serem ouvidas.

Metodologia da pesquisa

Esta pesquisa está enquadrada no ramo da História que trata da *“história vista de baixo”*. conforme Sharpe (2011) tradicionalmente a História tem sido encarada, desde os tempos clássicos, como um relato feitos a partir dos grandes homens e seus feitos, sendo a revelação das opiniões políticas da elite.

Sharpe (2011) afirma que naquela época grande parte da história ensinada nas sextas classes e nas universidades ainda considera a experiência da massa, do povo no passado como inacessível ou sem importância; não a considera um problema histórico; ou, no máximo, considera as pessoas comuns como um dos problemas com que o governo tinha de lidar.

Hoje, a ausência desses sujeitos na história, vem sendo solucionado com a escrita de trabalhos como esse, que traz para o centro do debate a história de pessoas *“Comuns”*. Mas ainda há um longo caminho a ser percorrido.

Para Burke (2011, p. 22), *“uma história da educação vista de baixo deveria deslocar-se dos ministros e teóricos da educação para os professores comuns”*.

Assim, para a construção dessa narrativa, a metodologia selecionada foi a História Oral, um procedimento, surgido em meados do século XX após a invenção do gravador a fita, que busca, pela construção de fonte e documentos registrar, por meio de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a história em suas múltiplas dimensões: Factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. Não é, portanto, um compartimento da história vivida, mas, sim, o registro de depoimentos sobre essa história vivida (DELGADO, 2006).

Essa escolha se relaciona ao auxílio desta na constituição de fontes para o estudo da história contemporânea. Pois tem por base uma a realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente (ALBERTI, 2005).

O trabalho da História Oral se beneficia de ferramentas teóricas de diferentes disciplinas das ciências humanas, [...] e pode ser aplicada nas mais diversas áreas do conhecimento: na educação, na economia, nas engenharias, na administração, na medicina, no serviço social, no teatro, na música... em todas essas áreas já foram desenvolvidas pesquisas que adotaram a metodologia da História oral para ampliar o conhecimento sobre experiências e práticas desenvolvidas, registrá-las e difundi-las entre os interessados (ALBERTI, 2005, p. 156).

Assim, esse trabalho será construído da seguinte forma. A primeira parte, *“É de pequeno que o Espinho traz a ponta”*, contará como a Professora Bia Crispim de Almeida se identificou enquanto uma pessoa travesti e o caminho que a levou a essa descoberta.

Num segundo momento, construiremos a história dela como professora, essas narrativas versarão sobre os desafios enfrentados na luta por seu espaço, apresentando fatos e pessoas que foram importantes no seu caminho profissional.

Dedicaremos a terceira parte a apresentar o pensamento dela sobre a educação, a escola, sua função como professora e a importante função que a escola tem na busca por uma sociedade com mais justiça social, respeito e diversidade.

As considerações finais ficarão a cargo de revelar as contribuições desse trabalho para tentar fazer da sociedade, da educação e das escolas lugares melhores. Assim como, a importância de dar visibilidade as pessoas transexuais e travestis para que sirvam de exemplo para outras pessoas do grupo a buscarem ocupar os espaços e dar mais força aos movimentos transexuais e travestis e aos LGBTQIA+.

É de pequeno que o espinho traz a ponta

O desejo de convidar Bia Crispim de Almeida a contar sua história surgiu de um impulso, mas

não veio do nada. Como disse, ela foi minha professora de Inglês, Espanhol, Português e Literatura num cursinho preparatório pré-vestibular da cidade de Parelhas-RN, e uma professora inspiradora para os seus alunos e colegas de trabalho, com um jeito único de dar aulas e contar histórias.

“É de pequeno que o espinho traz a ponta”, Bia Crispim usa esse ditado popular para começar a nos contar sua história e para dizer que, desde pequena, se reconhecia diferente dos outros meninos da sua idade. Essas diferenças se apresentavam no seu comportamento mais “feminino”, no seu gostar das brincadeiras e objetos “de meninas” e o seu fascínio por estar perto desse universo.

Em contra partida, nunca gostou de brincadeiras “de menino” ou de estar perto deles, pois eram nesses momentos que o constrangimento, o preconceito e a intolerância se apresentam. Em sua narrativa, ela conta um desses episódios.

Quando eu iniciei minha fase de atividades esportivas, digamos assim, na escola, foi quando eu senti o maior pavor de todos os tempos, que era estar no meio daqueles meninos. Ser obrigada, em algumas situações a tirar a roupa, que pra mim era pavoroso. Eu chorava e terminava não participando. *Os primeiros gritos e bullying e apelidos e todo preconceito que eu podia sentir por não ser igual aos outros meninos já começa nesse momento.*

Porém esses episódios de preconceito não vinham só desses meninos. Em suas narrativas, Bia Crispim, destaca que uma de suas primeiras experiências concreta com a discriminação está associada a uma figura que deveria ser acolhedora, um professor, mas que na verdade mostrou um lado perverso da sociedade.

Esse fato ela contou na entrevista, mas também em sua coluna no Jornal Online Potiguar Notícias, numa coletânea de histórias publicadas no dia 29 de maio de 2020.

Posso te contar uma história? (Ou seriam histórias?). Acho que devo. Não tenho mais medo, nem porque escondê-las. São fragmentos, são diálogos espaços, são memórias... Era aula de educação física. Eu tinha uns dez anos. E um grito esfriou minha espinha:
- *Não é homem, não?* – ecoando por toda a quadra da escola. Os risos dos colegas me afundaram num fosso escuro e fechado, onde só me cabia. E lá de dentro eu respondi: - Sou não, professor. Eu tinha culpa de não ser igual aos outros meninos, mas eu não era igual a eles e nem queria ser.

Essa foi uma das primeiras vezes em que encarou o preconceito, mas não a última. Em suas lembranças nos conta que as pessoas da cidade onde nasceu, Currais Novos-RN, olhavam pra ela de uma forma diferente e mesmo sem entende o porquê daqueles olhares, pois era apenas uma criança, sentia que eles estavam relacionados ao contraste do seu comportamento com o dos outros garotos de sua idade. Eles lhe causavam medo, pois eram os mesmos lançados aos homossexuais da cidade. Na entrevista ela conta como esse medo surgiu e foi alimentado.

A referência que eu tinha na minha infância de homossexuais eram engraçadas até. Eram pessoas meio caricatas, que tinha na cidade, que andava de tamanco, com umas camisas bem tropicais, dos anos 80, amarrada, fazendo blusinha, calça bem alta. Então a imagem que eu tinha era aquela *e eu sabia o que acontecia como essas pessoas, eu sabia a forma como a sociedade tratava.* Teve uma época, inclusive, que eu tinha medo (deles) quando escutava na calçada, em algum canto assim, que eu tivesse próximo. Eu tinha a curiosidade, mas eu tinha medo, não sei se internamente já era um medo de

que eu pudesse ficar daquele jeito e que a sociedade pudesse me rejeitar da mesma forma. Eu nasci em Currais Novos e os homossexuais que existiam na cidade eram ou cabelereiros ou aqueles que ficavam durante a noite na praça caçando, digamos assim, bebendo. Então, era um mundo que se apresentava pra mim, um mundo de marginalidade que eu tinha medo que aquilo acontecesse comigo.

Crescer com todos esses medos dificultaram sua vida, assim como o fato de seus pais serem muito religiosos. Na adolescência recebia deles livros de orientação comportamental e orientação sexual, que se tornavam tortura, pois eles indicavam comportamentos que sabia que jamais teria, não fazia parte de sua essência. Nunca conseguiria ser a pessoa que o livro à dizia para ser.

Bia Crispim seguiu sendo quem era, com todos os medos que esse “ser” lhe trazia. Concluiu o ensino médio, em Currais Novos, prestou vestibular para o curso de Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN e foi aprovada. Nessa época, é importante dizer, que ela ainda não se reconhecia como uma travesti, mas sim com um homem gay e é por esse reconhecer-se gay que foi é expulsa da casa de seu padrinho, onde foi morar pra frequentar as aulas da faculdade em Natal-RN.

Ele me expulsou da casa dele da forma mais vil, e era da área jurídica da infância e da juventude, mas não soube respeitar uma pessoa recém-saída dos 17 anos. Eu fui expulsa da casa dele eu tinha 18 anos, tinha acabado de entrar na universidade, *mas ele achava que eu era um perigo para o filho dele.*

Esse relato aparece de forma mais aprofundada em sua coluna no Jornal Online Potiguar Notícias, numa coletânea de histórias publicadas no dia 29 de maio de 2020.

Morava com meu padrinho. Tinha 17 anos.

Havia um churrasco na casa. Eu me divertia com a visita de amigos do interior que ali estavam. Tinham vindo me ver.

Meu padrinho, talvez bêbado (pois só assim ele teria a coragem de falar comigo), me convidou para irmos de carro comprar carvão. Só nós dois. Depois de umas voltas no quarteirão, paramos em frente à casa.

Entrei, peguei uma pochete, chorei com meus amigos, fui pra rodoviária chorando e me atirei no primeiro ônibus para o interior. Para a casa dos meus pais.

- *Você só pode ter feito alguma coisa!?* – Disse meu pai, acusando-me de um “delito”.

Gritei, chorando: - *Eu sou gay* (era assim que eu me entendia naquela época).

O silêncio se instalou. Ele não estava preparado para aquela revelação. Ninguém estava. Nem eu. Minha mente era um caos. Eu entendia que a culpa de tudo que estava acontecendo era somente minha e eu não tinha como me defender, nem sabia a quem pedir ajuda. *A vergonha de SER, me inundava.*

Aos poucos ela percebeu que a comunidade gay não lhe contemplava, percebia que o universo gay, que o espaço frequentado por pessoas gay, não era um espaço que lhe cabia. Achava-os estranho. Não e comportava como os gays que eu conhecia”. Esse não se reconhecer gay a levou a questionar quem era:

Quando ainda morava em Natal e estava na universidade, houve um período que eu fui bem *trash*, bem *punk*, que foi no período que eu “tava” tentando saber o que é que eu era e era um período que eu tinha muitas responsabilidades também, porque eu tinha a universidade, eu tinha monitoria,

eu era bailarina do grupo de dança da UFRN, fazia formação. Eu fazia muita coisa ao mesmo tempo. Eu vivia de uma forma muito intensa. Inclusive eu tive que parar o curso, passei 2 anos sem botar os pés dentro da universidade, porque eu tive uma disritmia cerebral, causada por falta de sono, ansiedade, consumo excessivo de álcool e cigarro, enfim.

A resposta para a busca de quem era só viria tempos depois quando participou do Encontro Nacional de Estudantes de Letras (ENEL), em Mato Grosso do Sul, lá:

Me deparei com duas mulheres trans, Adriano e JB (não tinham feito retificação do nome, na época não fazia retificação do nome), muito empoderadas já pra época. E elas já me vendo como uma menina me incentivaram a participar do concurso de Miss Trans ENEL. Foi a primeira vez que eu, em público, participei de um concurso de mulher trans. Já havia me montado no carnaval, essas coisas assim, mas o prazer que eu tive, o prazer que aquilo me deu, foi incrível. Naquele dia foi a primeira vez que me chamaram de Bia, reduziram meu nome pra Bia. E eu ganhei o Concurso.

Em 2002, Bia Crispim começa uma nova fazer na busca de quem é. Essas mudanças começam quando ela se muda pra cidade de Parelhas, onde vive hoje. Foi aí que ela começou seu processo de hormonização e começa a revelar a sua porção feminina, que havia sido obscurecida por tantos anos. Na sua narrativa nos conta:

Faz 18 anos que eu vim morar em Parelhas. Na verdade, que eu vim morar não, que eu comecei a frequentar mais Parelhas (2002). No ano que eu vim pra Parelhas morar (2004), foi o ano que eu havia iniciado o meu processo de transição. Então Parelhas foi uma cidade que me viu passar pelo meu processo de transição, meu processo de hormonização, transição de mudança corpórea, tudo aconteceu aqui em Parelhas. Eu “tava” deixando cabelo crescer, minhas roupas não eram roupas nem “masculinas”, nem “femininas” eram roupas que qualquer um poderia usar. Gostava muito de usar calça santropê, calça baixa, e *baby look*, umas calças bem “afrescaldadas”, bem afeminada, sandalhinhas, e brincos de pena. Sempre tive essa referência dos meus brincos de pena, meio riponga, sempre tive essa característica meio riponga.

Ouvir essas narrativas são importantes para que possamos entender como Bia Crispim se construiu enquanto pessoa. Sua personalidade, sua visão de mundo e educação são moldadas por essas histórias e por todos os atores que passaram por sua vida. Obviamente, a história dela é muito mais complexa e cheias de nuances, mas a nossa ideia aqui era fazer um panorama de sua vida e os fatos e eventos mais marcantes no encontro de quem é.

Um desejo de ser como minha mãe, um professora

Na parte anterior a esta, falamos sobre o preconceito que Bia Crispim sofreu por parte de um professoro que deixou marcas tristes na sua história, por ocupar um papel ofensivo, porém, perceberemos, ao longo de outras narrativas, que outros educadores foram fundamentais na sua construção como professora e deixaram lembranças felizes no seu caminho.

Este é o caso de sua mãe, Dona Isaura, que por seu ofício de professora, inspirava e aproximava Bia Crispim, desde a infância, do mundo da educação e da sala de aula.

Desde Criança minhas brincadeiras já eram muito voltadas para a Educação. Minha mãe era professora. Então *uma das minhas brincadeiras era brincar de professora em casa*. Era juntar a molecada da rua na garagem e dar lição. Eu pegava as lições de mamãe e reproduzia “pros” alunos. Então de alguma forma *já existia no meu inconsciente uma busca de querer se assemelhar a minha mãe*.

A ligação dela com a educação começa muito cedo, no início apenas uma brincadeira, mas o ser professora vai se firmando cada vez mais, principalmente com a chegada de sua prima Marília Ribeiro de Almeida, que era formada em Geografia pela Universidade de Brasília - UNB. Marília trazia consigo uma habilidade para língua estrangeira que deixava Bia crispim encantada. Ela é um personagem fundamental, porque observando esse encantamento, decide compartilhar essa habilidade, ensinando-a três línguas estrangeiras ao mesmo tempo, além de lhe contar muitas histórias.

Marília, de alguma forma, me alimentou de duas coisas extremamente importante. Uma, a minha fantasia que a mitologia nos dá, todas as metáforas que aprendemos com a mitologia. A outra a possibilidade de você poder ser aquilo que você quer, através dá sua instrução, mas que aquilo, mais tarde me veio com a possibilidade de que é você que se constrói, é você que se fabrica, você quem se faz. Então de alguma forma essa consciência de amplitude linguística me abria espaço pra eu querer mais ainda ser como minha mãe era, que era professoras, ser o que minha prima era, professora. Então eram referencias pra mim.

Outra figura importante na sua construção foi seu professor de Língua Inglesa do CNA, Simão Luiz dos Santos. Ela conta sobre o orgulho que ele sentia de ser seu professor e ela de ser sua aluna, além de ser um grande incentivador para que ela começasse a dar aulas:

Simão, ele viu que eu tinha muita potencialidade, então, de alguma forma, ele também me impulsionou pra educação, porque ele estimulava que eu desse aula “pros” meus colegas, ele estimulava que eu desse aula particular “pros” meus colegas, ele até dizia: quanto mais você falar sobre isso, quanto mais você praticar, mais você vai aprender e você dando aula vai aprender mais do que só estudando.

É por esse incentivo que aos 12 anos ela começa a dar aula particular aos seus colegas. E aos 14 anos entra na sala de aula pela primeira vez, de uma maneira informal, mas que contribuiu para sua experiência e para que ela conseguisse continuar os estudos numa escola preparatória para o vestibular. Além disso, ela conta que esse trabalho foi importante socialmente, pois era uma maneira de sentir-se útil e com algum valor.

Eu “tava” entrando para o ensino médio. Eu estudava em escola pública, e, na minha cidade, só existia o magistério para as meninas ou pra quem era gay assumidamente, contabilidade e custo e secretariado, não existia ensino médio regular, só nas escolas particulares. Mas eu queria fazer vestibular. Eu não queria aquilo pra mim. Em 1992 uma empresária da cidade (Currais Novos), Nádia Toscano, professora também, realiza o sonho dela, antigo, de abrir uma escola, o Colégio Camilo Toscano – CCT, na época, com o modelo construtivista de ensino. Ela abriu essa escola e muitos dos meus amigos, que

tinha estudado comigo no Jesus Menino, na época que eu estudava em escola privada, e depois no Colégio Comercial da escola pública, tinham ido pro Colégio Camilo Toscano-CCT, porque ela “tava” oferecendo um ensino médio regular e a promessa de todo mundo passar no vestibular. Só que eu ‘tava’ matriculada na escola pública, meus pais, de alguma forma, não tinham condições de me colocar na escola privada. E aí, o que foi que eu fiz? Como eu já sabia inglês e eu tinha recebido uma proposta pra começar a dar aula de verdade numa escolinha que “tava” abrindo, eu fui até o Colégio CCT pra fazer uma permuta, pra fazer uma troca. Eu receberia uma bolsa e em troca dessa bolsa eu daria aula para 1ª a 4ª série, para o infantil e assim foi feito. Comecei a dar aula no Colégio CCT em 92 até 94 e durante esse período que eu dava aula, de alguma forma, eu “tava” aprendendo a ser professora também.

Bia Crispim começou sua carreira dando aula de língua estrangeira aos 14 anos e nunca deixou de trabalhar, sempre esteve em sala de aula. A universidade, por exemplo, foi um espaço de incentivo pra ela. É neste ambiente, nos primeiros anos de faculdade, que ela começa a dar aula no cursinho do Diretório Central dos Estudantes – DCE, que foi tão importante na construção da sua carreira. Ela conta que nesse espaço foi a primeira professora e titular da disciplina de literatura brasileira. Para além disso, Bia trabalhou em diversos espaços de cursinho e é desses lugares que o seu nome ganha notoriedade como professora.

Eu nunca tinha dado aula pra uma escola regular, tinha dado em Currais Novos, mas é quando eu estou em Natal, dentro do espaço da universidade... Eu digo que a universidade foi um espaço transformador pra mim, por que além dela ter me dado esse mito, ela me foi um espaço laboral, ela me deu um espaço pra eu trabalhar, porque foi dentro da universidade que eu comecei a construir minha carreira como professora de cursinho. Meu nome como professora de cursinho saiu da UFRN, saiu do cursinho do DCE e aí eu comecei a trabalhar em outros lugares. Amigos meus, pessoas que começaram a trabalhar comigo, mesmo me estranhando, mesmo achando esquisita a pessoa que eu era, começaram a me fazer convites.

Quando questionada sobre como foi sua entrada no universo da educação escolar, ela aponta que não foi fácil. Em Natal, cidade onde morava, ela não conseguiu muito espaço em instituições além dos cursinhos, do DCE e as escolas onde fez estágio. Esse espaço não foi conquistado por causa do preconceito. Isso fica claro em outra publicação feita no jornal Online Potiguar Notícias, do dia 29 de maio de 2020.

A nova diretora (religiosa) da escola em que eu trabalhava havia dois anos, me chama após o último dia de aula. Sentamos em um corredor.

- Você não faz o perfil para ensinar nessa escola. – Foi a fala da diretora.

Entendi o recado. Mas já havia apanhado o suficiente para saber dar uma resposta desaforada. (Muito tempo levando pedradas de todo tipo encorajou-me).

- Realmente. Não preciso usar um hábito para esconder

quem eu sou.

E saí. (Na verdade, minha resposta foi bem mais explosiva e menos polida). Mas, mesmo dando a resposta que eu dei, me sentia culpada de estar sendo demitida.

As dificuldades de se inserir no mercado educacional só não foram maiores porque buscou as cidades do interior. O seu nome como professora de cursinho, consolidado pelo DCE, a levou a diferentes espaços, inclusive a cidade em que vive hoje, Parelhas-RN.

A vinda para a cidade está relacionada ao convite feito por dois colegas de profissão, Gilton Dantas e Frank de Lima, donos do Cursinho Nicolau Neto – CNN, para das aulas de literatura e língua estrangeira. Essas referências levam-na a dar aula na instituição Cooperativa de Parelhas – COOEPAR (2005), e em 2015, torna-se a primeira professora travesti concursada do município.

As lembranças dos espaços educacionais são muitas. Ao mesmo tempo que ela via e sentia o preconceito com a sua identidade, percebi a presença de outras pessoas travestis ocupando esses espaços, sendo importantes nele. Elas foram importantes no processo de seu empoderamento, foram importantes para que ela continuasse sua caminhada.

Trabalhei no Colégio Edgar Barbosa e foi lá que eu conheci a Charla Tito, que foi a primeira professora travesti que eu conheci. Quando eu entro no Edgar Barbosa que eu vejo a Charla toda maquiada, com cabelo grande, Eu disse: Gente, que figura fantástica e era professora do curso de contabilidade e custo. Fizemos amizade na época, depois eu perdi contato com ela, mas é justamente essas pessoas que me mostravam que eu podia ser, que eu não devia ter medo de ser.

Ocupando esse espaço, hoje, Bia Crispim é a única professora travesti da educação privada do Estado do Rio Grande do Norte. Entretanto não é só nesse espaço que é pioneira e relata como ocupar esses espaços são importantes, não só pra ela, mas para toda a comunidade transexual e travesti.

Em 61 anos da UFRN eu sou a única aluna Travesti formada em letras, com especialização e mestra pela universidade, então de alguma forma eu sou aquela que “ta” dando chute nas portas e dizendo: Ei galerinha, eu “to” aqui, venham também, me sigam, vocês podem chegar até aqui, você pode ir mais à frente do que eu. Esse escancarar de portas “ta” sendo interessante pra mim e inclusive pro movimento.

Esse escancarar de portas, para o movimento, fica latente em outra face de Bia Crispim, a escritora, que fala sobre as causas LGBTQIA+ e sobre educação, escola, política, sobre a vida e revela que essa face é muito importante para o seu engajamento nos movimentos e coletivos transexuais e travestis. Ela também é a primeira mulher travesti do estado que terá um livro de contos publicado.

Eu começo a encarar essa questão da escritora como um outro perfil da minha personalidade, eu preciso levar a sério o Bia professora, mas eu preciso levar a sério também a Bia escritora, porque é esse Bia escritora que vai me impulsionar dentro desse meu universo de ativismo também, não só o meu crescimento acadêmico, mas meu crescimento como ativista, porque são esses espaços que eu vou ter pra poder expor o que eu penso, expor as lutas, expor as vozes que não tem espaço, sabe? É justamente dentro da academia, dentro do Jornal, nesses espaços que se abrem pra mim, dentro dessa configuração de escritora. Então eu preciso levar isso a sério, eu preciso pensar nisso de forma séria. Não é só um *hobby*, deixou de ser *hobby*, deixou de ser só uma atividade cognitivo-

emocional, passou a ser, agora, social, passou a ter um papel extremamente importante e pessoal também, porque é um prazer enorme você se fazer ouvir, se fazer ouvir é muito bom. Então quando eu vejo que meu texto tá chegando, só deus sabe onde, quando eu vejo que outras pessoas estão concordando ou discordando com que eu falo, corrigindo ou aplaudindo o que eu escrevi, eu acho massa, sabe, porque pra me corrigir teve que me ler pra não concordar comigo teve que me ler, então que leiam, sabe, que leiam, não quero ninguém só batendo palma e baixando a cabeça dizendo: muito bem, Sim senhora, não. Eu quero que leiam e que escolham também e que digam: como é que ela pensa isso? Logico, tem gente que quando ver que eu coloco que lugar de travesti é todo lugar, tem gente que quer me colocar no inferno, posso fazer nada, tenho que continuar escrevendo.

Paralelo ao seu trabalho com escritora, outro ponto fundamental no seu ativismo foi a sua entrada no Mestrado em Literatura comparada da UFRN, porque são esses meios que ela vai utilizar pra falar de suas vivências, de suas lutas e das lutas de outras mulheres travestis, além de empoderá-las a seguir caminhos parecidos.

Quando eu consegui entrar no mestrado não foi pra mim só uma grande vitória, eu sei que foi uma vitória pra comunidade trans e travesti, quando eu me coloquei dentro daquele banco acadêmico, como pesquisadora, eu sabia que não estava abrindo espaço só pra mim, eu estava dando visibilidade para outras mulheres trans e travestis. Então, até minha consciência de luta passa a se potencializar quando eu começo a experimentar essas outras vivências. Eu posso dizer assim que a minha luta quanto movimento se inicia paralelo a minha entrada no mestrado, porque até então é como se eu não tivesse me dado conta de que o fato de eu ser universitária, o fato de eu ser especialista, o fato de estar dentro de uma situação de privilégio, digamos assim, em alguns aspectos, serve de exemplo pra outras mulheres, sobretudo para mulheres travestis, elas conseguem me visualizar como alguém que venceu barreiras, que quebrou estereótipos, que quebrou preconceitos, mas são preconceitos que eu preciso quebrar todos os dias. Eu preciso enfrentar preconceito todos os dias [...] e num dia desses eu joguei uma pergunta: o que uma pessoa trans pode ser? E eu dou a resposta de que nós podemos ser tudo, nós podemos ser tudo. E nós podemos ser tudo se nós tivermos espaço para isso.

O sertão ensinou-me e eu tornei-me professora: as reflexões sobre a educação

Esse reconhecer-se enquanto sujeito social e que merece respeito traz um pouco daquilo que esperamos que a educação seja. A figura de Bia Crispim precisa se tornar comum nas nossas instituições de ensino, assim como os membros das outras letras da sigla (LGBTQIA+), para que essas pessoas fação parti do nosso cotidiano, para que deixem de estar a margem e, principalmente, contribuir na composição de uma educação para o respeito. A reflexão de Bia Crispim sobre a importância dessas figuras na educação e na vida das pessoas é exemplar.

Eu to dentro do espaço de educação, então, de alguma forma, a minha figura, a minha postura e minha vivência, ela colabora pra essa educação também, pra uma educação de respeito, pra uma educação de aceitação, porque eu acho que a educação

perpassa por isso também. A educação não pode ta só presa ou ligada as práticas de ensino e aprendizagem do que se restringe a sistematização do conteúdo, não. Eu acho que a educação ela parte de um princípio muito mais humanizador. Se a educação não for um veículo pra humanizar o outro, ela não serve pra nada, porque conhecimento por conhecimento você pode adquirir de qualquer forma, mas construir relações humanas, eu acho que quem possibilita isso de uma forma extremamente representativa na nossa vida é a escola.

Na mesma fala ela ainda consegue traçar um paralelo entre a essência da escola e a necessidade da escola no período da pandemia do novo Covid-19 (2020-2022).

Veja, nesse processo de pandemia, como ta sendo dolorido pra essas crianças, que não estão tendo relações socioculturais, afetivas de troca, que só o espaço escolar é capaz de fazer. O espaço escolar é muito diverso. É diferente, por exemplo, de você receber seu priminho em casa, seu priminho, sua priminha, seu vizinho, todos eles têm um universo muito próximo ao seu. Dentro da escola não. Dentro da escola cada coleguinha vem de uma família completamente diferente, completamente divergente, são cores diferentes, são pensamentos diferentes, são religiões diferentes, práticas de alimentação diferentes, são rotinas diferentes, que todas elas se chocam ali e é justamente nessa troca, nesse processo de socialização que eu acho que faz com que a escola seja, talvez, o espaço mais importante dentro da sociedade e aí eu acho que só hoje, nesse processo de pandemia, que as pessoas que estão fora da escola tão começando a se dar conta do quando a escola e a educação tem um papel primordial, tem um papel fundamental na construção dessa humanização, na construção dessas relações sociais que precisam se estabelecer de forma igualitária, de forma respeitosa, de forma plural. Eu acho que a escola... inclusive a própria escola ta se descobrindo nesse processo de pandemia. A própria escola está se reinventando, ela ta tentando se colocar, e eu acho engraçado isso, como ela ta tentando criar essas relações sociais também via tecnologias. Você começa a identificar que a própria escola ela se preocupa com o processo psicológico, ela se preocupa com o processo de relações afetivas, ela se preocupa com as relações pessoa-pessoa e ela ta tentando encontra estratégias pra isso, já que o presencial não é possível.

Num determinado momento da nossa entrevista, Bia Crispim reflete sobre a Escola, a sua construção enquanto instituição e a ideia de ela ser uma extensão da família, sobre a sua função de acolher, educar e dar, as crianças, jovens e adultos, tudo aquilo que a família não é capaz de dar, afirmando que nesse processo a educam-se os alunos e suas famílias.

Enquanto a escola reproduzir essa construção patriarcal, colonial, que não tem espaço para a figura da travestir, a escola vai continuar reproduzindo esse tipo de prática e quanto ela reproduz esse tipo de prática ela transfere isso pra sociedade. Então, se diz que a escola é a continuação da família, pois bem, ela deve ser a continuação da família, mas ela precisa dar aquilo que a família não dá. Então, se ela recebe um aluno ou uma aluna trans que já recebe rejeição em casa, que já não recebe amor, que já não recebe afeto, que já não recebe respeito, eu acho que o papel da escola é ofertar isso. A escola precisa oferecer aquilo que a casa não tem, para, justamente, chegar num terceiro ponto que seria, as relações sociais, fora

desses espaços, construídas de forma mais respeitosa, mais plural pra todo mundo. E eu acredito que isso é um processo cíclico, porque no momento em que essa sociedade começa a ter essa aceitação, então as próximas famílias vão ser menos preconceituosas, a escola já não vai ter mais tanto trabalho pra lidar com relação a essas relações plurais. Então eu vejo a escola como um elemento primordial na engrenagem de transformação social. É ela que vai transformar a sociedade, que mais tarde, vai transformas as novas famílias, mas enquanto a família, a escola tiver reproduzindo esse preconceito, essa marginalização, essa exclusão, da criança, do adolescente travesti, sobretudo, nós vamos continuar com esse ciclo de desigualdade, de intolerância de preconceito de violência por muito tempo ainda. Então, eu acho que a escola precisa tomar consciência desse papel transformador, sempre disse isso: *A educação transforma, mas a escola precisa tomar consciência de que ela precisa se transformar também, pra poder transformar a sociedade. As pessoas mudam os métodos não, a escola precisa mudar.*

Outra reflexão muito importante para a quebra de paradigmas é o estar presente. Bia Crispim, como professora faz parte da vida de muitas pessoas, muitas delas nunca tiveram contato ou sabem o que é uma pessoa trans/ travesti, mas ela afirma, “Quando uma mulher trans ela entra em determinado ambiente ela muda todo o ambiente em que ela vive, muda tudo”. E conclui:

Quando eu digo isso, eu to falando de forma muito séria mesmo, porque eu ensino em escola pública e a escola pública que eu ensino, que é a escola Estadual Professor Felipe Bittencourt, é uma escola que tem um público, muito específico, que é o público da zona rural. A gente tem, por exemplo, a maior parte das turmas são a tarde e são de alunos da zona rural. Eu não apareço na zona rural, mas eu existo na zona rural. Eu posso não aparecer fisicamente na zona rural, mas eu estou lá, porque o aluno no primeiro dia de aula, quando me ver em sala de aula, chega em casa falando, eu tenho certeza. Quando os pais vêm pra reunião que se deparam com a professora Bia, com a farda da escola, mas de cabelão, de batom, de brinco e andando com um leque, não sei o que eles pensam, né, mas ninguém questiona o fato de eu estar daquela forma. Eu não tenho problema com os alunos, talvez pelo fato de ver o respeito que os alunos tem por mim e que eu tenho por eles, eu tenha uma transformação na cabeça desses pais, na forma como eles pensam a professora. Talvez a maioria pense em mim como a bicha, a professora... o fresco que quer ser mulher, ou somente por Bia. Mas eu faço parte da vivência deles, eu faço parte do dia-a-dia deles, eu faço parte da normalidade deles. Eu estou no dia-a-dia da escola, estou no dia-a-dia do aprendizado dos filhos deles. Eu estou na vida escolar dos filhos deles, pelo menos, 4 anos, 5. De alguma forma eu modifico a forma como as pessoas falam comigo, como aprendem a me respeitar, como aprendem a pensar quem eu sou, tudo isso são transformações. É uma forma de eles pegarem o que vivenciam comigo e levarem pra esses espaços e aí eu não coloco só os alunos e os pais dos alunos, mas os meus colegas de trabalho.

Reflete, ainda sobre a relação ensino-professor, que na educação brasileira está pautada na hierarquia Professor-Aluno. Bia Crispim vê essa relação por outro ângulo, em que alunos e professores estão juntos na construção do ensino-aprendizagem, na construção da sociedade e do respeito mútuo.

Os professores eles são de uma geração diferente da dos alunos e, em vezes de aprender com esses alunos, que esse seria o processo mais correto, de dar um passo à frente junto com eles, a maioria dos professores amarram esses alunos e puxam eles pra trás e, quando eu digo puxam pra trás, aprisionando dentro daquilo que ele achava que era certo, daquela época que ele estudou, dentro daquele padrão. A gente precisa se juntar a eles e dá um pulo pra frente, e a escola ainda precisa a fazer isso, os professores precisam se libertar dessa condição de quem sabe tudo, eles precisam entender que a melhor educação é aquela que é compartilhada com o aluno. Aluno não é uma xícara de chá seca, ele vem transbordando pra sala de aula. Eu vou fazer essa metáfora, se o professor se acha o buli da situação porque ta cheio de chá, é um chá podre, já, é um chá que ta vencido, é um chá que ta guardado. O aluno é que ta trazendo um chá novo, um chazinho quente. Nós professores é que temos que beber dele e, a partir disso, transformar essa aula.

Durante a entrevista eu perguntei se ela percebia diferença em ser professora na escola pública e na escola privada, ela afirma não perceber essa diferença, mas explica o motivo de não notar. Quando Bia Crispim entrou na escola privada ela já tinha nome, ela já era conhecida do Cursinho da Cidade, então foi uma extensão e o mesmo aconteceu quando ela foi para a escola pública em 2015, seu nome ecoava, todos conheciam Bia Crispim professora de Português. Mas percebe que existe diferença quando essa relação é pensada a nível estadual ou federal.

Eu sei que vai existir uma diferença muito grande se a gente pensar a nível de estado, se a gente pensar a nível de Brasil, porque se não existe outras mulheres trans na escola privada é porque no estado do RN a escola privada não aceita, significa que o resto das escolas não dão chance para uma travesti. Então o espaço privado do Estado do RN é restrito, é preconceituoso e é excludente, com relação a figura da travesti. Posso dizer pela minha condição de única na rede privada.

Mas no contexto em que vive as únicas diferenças estão relacionadas as deficiências das instituições e não a sua identidade.

Existe diferença no andamento das coisas, existe diferença em como a escola funciona. Existe uma diferença enorme na presença dos pais, na exigência dos pais, mas com relação a minha figura não vejo diferença.

Considerações Finais

É inquestionável a necessidade latente de se ouvir as minorias. A escola como espaço democrático precisa ser um espaço de acolhimento e de transformação social. As reflexões feitas por Bia Crispim ao longo desse texto são fundamentais para se lançar um novo olhar sobre a educação e a escola, bem como para que nos atenhamos a compreender como as pessoas travestis e transsexuais estão sendo tratadas em nossa sociedade. A perceber que esses grupos é negada a ocupação dos espaços e o direito a vida.

Claro que essas são algumas das reflexões que essa intelectual tem acerca da educação e caberia ouvi-la muitas outras vezes e a outras pessoas do mesmo grupo, de outras regiões e com outras vivências para que se pudesse vislumbrar uma educação com mais equidade.

Mesmo assim considero que essa pesquisa tem muito a contribuir com a renovação da escola, com a renovação do ensino e com a mudança do nosso olhar sobre a professora. Ouvir os relatos e as experiências vivida por Bia Crispim nos leva a refletir sobre o tipo de educação que queremos, sobre o tipo de democracia que queremos. Nos leva a olhar não só para as minorias

travestis e transsexuais, mas para todas as minorias que são jogadas para a margem da sociedade.

A escola precisa ser um ambiente democrático, mas ela só será, quando a diversidade fizer parte da escola, quando professoras travestis, quando professores, negros, quando professores diversos e alunos diverso não forem exceções, mas sim parte da escola.

Referências

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BELCHIOR – SUJEITO DE SORTE. Felipe Vassao / Emicida / Dj Duh: Emicida. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2019. 3 CD (48min47s).

BLOCH, Marc. **Apologia da História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BENTO, Berenice. (2006). **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond.

BENTO, Berenice. (2008). **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense.

BENTO, Berenice. (2011). **Na escola se aprende que a diferença faz a diferença**. *Estudos Feministas*. 19(2), p. 549-559. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ref/v19n2/v19n2a16.pdf>.

BURKE, Peter. (Org.) **A Escrita da História: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral, memória, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 15 – 66.

JESUS, Jaqueline G. (2010). Pessoas transexuais como reconstrutoras de suas identidades: reflexões sobre o desafio do direito ao gênero. In GALINKIN, Ana L. & SANTOS, Karine B. (orgs.), **Anais do Simpósio Gênero e Psicologia Social: diálogos interdisciplinares**, 80-89. Disponível em http://generoepsicologiasocial.org/wpcontent/uploads/Anais_do_Simposio_Genero_e_Psicologia_Social2010

BENTO, Berenice. (2010). **Transexualidade: breve introdução**. *Correio Braziliense*, caderno Opinião, p. 13, 13 de setembro. Disponível em http://www.feminismo.org.br/livre/index.php?option=com_content&view=article&id=291:transexualidade-breve-introducao&catid=78:businesstech&Itemid=42

BENTO, Berenice. (2012). **Visibilidade transgênero no Brasil**. *Correio Braziliense*, caderno Opinião, p. 13, 18 de Janeiro. Disponível em <https://conteudoclippingmp.planejamento.gov.br/cadastros/noticias/2012/1/18/visibilidade-transgenero-no-brasil>

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter. (Org.) **A Escrita da História: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 40-98

Recebido em 18 de abril 2022.
Aceito em 23 de maio de 2022.